



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**REVITALIZAÇÃO E O LUGAR DE MEMÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO
PROJETO CENÁRIOS DO INTERIOR, NO MUNICÍPIO DE MOGEIRO - PB**

VITÓRIA OLÍMPIA ALBERTINI GONDIM

CAMPINA GRANDE - PB

2022

VITÓRIA OLÍMPIA ALBERTINI GONDIM

REVITALIZAÇÃO E O LUGAR DE MEMÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO
PROJETO CENÁRIOS DO INTERIOR, NO MUNICÍPIO DE MOGEIRO - PB

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

CAMPINA GRANDE - PB

2022

VITÓRIA OLÍMPIA ALBERTINI GONDIM

REVITALIZAÇÃO E O LUGAR DE MEMÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO
PROJETO CENÁRIOS DO INTERIOR, NO MUNICÍPIO DE MOGEIRO - PB

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (UFCG)
(Orientador)

Prof.^a Dr.^a Regina Coeli Gomes Nascimento (UFCG)
(Examinadora Interna)

Prof. Dr. Gildivan Francisco das Neves (UFPB)
(Examinador Externo)

Dedico este relato, que simboliza uma das vitórias da minha vida, aos moradores e moradoras do município de Mogeiro – PB.

AGRADECIMENTOS

Em meus agradecimentos, deixo meu afeto e carinho com quem esteve comigo e me proporcionou o dom da vida, Deus, por intercessão de São João Bosco e São José, que estiveram no meu caminho de fé, durante minha trajetória acadêmica.

À minha mãe, Anna Marianna Albertini, que foi e é o alicerce da minha educação e intercessora nos momentos difíceis. Sempre incentivou meus estudos, exceto quando me via fazendo prova e perguntava se eu estava reescrevendo a Bíblia. Mainha, pode dizer: sua filha é formada na Federal!

Aos meus sobrinhos, José Thomas e Benjamin José, e irmã, Anna Elisabeth, que, carinhosamente, os chamo de a tropa; a turbulência dos meus dias me proporcionou esperança e força, para oferecer dias melhores para eles.

Ao meu pai, Carlos Gondim, que, mesmo ausente, sempre incentivou os valores da educação, que me levou à catequese e sempre liga, perguntando quando é a formatura, desde o primeiro período.

Ao amor da minha vida, Fabricio José Neves Correia, enviado por Deus; meu namorado, que contribuiu e me auxiliou em minhas crises e momentos desesperadores, que esteve nas idas à universidade no 333 lotado. Obrigado por ser minha âncora e me ajudar a procurar ajuda. Que você seja, para sempre, meu par!

Gratidão a todos os meus amigos que sempre me acolheram e também entenderam minha ausência durante os últimos 5 anos da minha graduação: Ackssa Gissely, Cyely Martins, Rayanne Mello e Sanyelli Silva.

Aos meus companheiros de pesquisa e estudos que a universidade me proporcionou, principalmente a Alex Campello, que me incentivou em minhas pesquisas e no meu potencial e às minhas amigas e companheiras de projetos: Auriane Cabral e Ravilla Moura. A distância não conseguiu separar nossas partilhas e risadas.

Ao Instituto Interdisciplinar de História, Educação e Cultura, por juntar uma equipe incrível, que foi a base do projeto e de muitos que virão. Vocês me permitem acreditar que a história da Paraíba será registrada.

Não menos importante, mas fundamental: aos meus mestres e doutores que participaram diretamente da minha trajetória acadêmica, em especial, Maria Liége, por todo o carinho e puxões de orelha necessários dentro do LABHIS.

Ao meu orientador, Iranilson Buriti, pois tenho uma enorme admiração por sua calma, disciplina e competência.

Às minhas supervisoras dos projetos Pibid, Silede Leila, e da Residência Pedagógica e estágio de ensino, Regina Coeli. Cada palavra de apoio foi fundamental para que eu pudesse acreditar na minha capacidade!

De forma especial, aos meus novos amigos, que me impulsionaram na partilha dessa experiência, dentre eles, Amanda Caroline – sócia, amiga e irmã de coração – Dilton Gonçalves e Bruna Torres – meu grupinho do fundão – e meu chefe, Fernando Henrique, que apostou uma paçoca que eu iria conseguir concluir este ciclo. Keven Simões – por me acalmar com as suas palavras – e a minha companheira das sextas-feiras, psicóloga, Bruna Lira, você é a virada de chave na minha vida.

Aos que sempre me incentivaram na minha carreira de historiadora: Guisepe Ponce, Dr. Gilberto Neves, e os seguidores do @oficio_da_historiadora.

*É preciso que eu suporte duas ou três larvas,
se quiser conhecer as borboletas (O Pequeno
Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry).*

RESUMO

Objetivamos compartilhar, neste relato, a inserção da pesquisadora em questão no projeto “Cenários do Interior”, financiado pela lei Aldir Blanc, durante 2020-2022, bem como mostrar os impactos diante do desenvolvimento e conclusão do projeto em destaque no município de Mogeiro - PB. Para embasar este estudo, utilizamos Candau (2011), com as perspectivas de vários teóricos sobre memória e identidade, enriquecendo, assim, nossa pesquisa com seus esclarecimentos e pontos de vista. Nesse contexto, levantamos as experiências dos mogeirenses e a rememoração diante do projeto de revitalização. Vale dizer que também fizemos uso das contribuições de Halbwachs (2004), para evidenciar as memórias coletivas, presentes e construídas no lugar revitalizado. Para problematizar a estrutura das casas e as dificuldades da pesquisa, lançamos mão de Lemos (2015), no sentido de descrever os usos e sua importância dentro da historiografia, como também pontuar brevemente os conceitos de falso histórico e economia criativa, para melhor exemplificar as experiências e perspectivas da relatora. Nesses termos, tal relato evidencia a resolução dos impactos do projeto e ideais para utilização do espaço, para benefício da população, os frutos colhidos com a iniciativa do projeto e a projeção cultural a qual a cidade recebeu.

Palavras-chave: Projeto de revitalização. Lei Aldir Blanc. Relato de experiência. Pesquisa em história. Mogeiro – PB.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Registro da ata em cartório	16
Figura 2 – Mapeamento das casas em Itabaiana.....	18
Figura 3 – Mapeamento das casas em Itabaiana.....	18
Figura 4 – Delimitação da área de estudos	23
Figura 5 – Registro do dia de visita à cidade de Mogeiro	24
Figura 6 – Proposta do projeto	27
Figura 7 – Proposta do projeto	27
Figura 8 – Proposta do projeto	27
Figura 9 – Proposta do projeto	28
Figura 10 – Proposta do projeto	28
Figura 11 – Proposta do projeto	28
Figura 12 – Ornamento da casa principal.....	31
Figura 13 – Processo de revitalização	32
Figura 14 – Ornamento da casa principal.....	33
Figura 15 – Pintura das fachadas.....	34
Figura 16 – Comparação entre os tijolos	37
Figura 17 – Início dos casarios reformados.....	41
Figura 18 – Registro das casas revitalizadas e, em azul, o teatro.....	42
Figura 19 – Registro das últimas casas e o pôr do sol de fim de tarde.....	42
Figura 20 – Registro da placa com os nomes dos membros, dos idealizadores do projeto e seus apoiadores	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Trabalhadores e seus ofícios	25
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – CRIANDO OPORTUNIDADES: O NASCER DO INSTITUTO PELAS MÃOS DE ESTUDANTES	15
1.1 As casas, a cidade e o projeto de Revitalização: desafios e perspectivas de uma historiadora	19
CAPÍTULO II – UM FRUTO DA PESQUISA: O PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO DOS CASARIOS DE MOGEIRO DE BAIXO	22
2.1 As condições atuais e a delimitação do projeto	22
2.2 O Instituto, o Projeto “Cenários do Interior” e nossos primeiro desafios	24
2.3 O conceito de Casa, a sociedade e o tombamento	29
CAPÍTULO III - OS CASARIOS, A REVITALIZAÇÃO E O LUGAR DE MEMÓRIA	31
3.1 O Cotidiano do projeto: o olhar do historiador dentro da revitalização	32
3.2 O cotidiano da obra e seus detalhes	35
3.3 A partir dos “Cenários do interior”: a revitalização do Teatro e suas calçadas.....	36
CAPÍTULO IV – UMA TRANSFORMAÇÃO HISTÓRICA E ECONÔMICA PARA A CIDADE	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

Neste relato de experiência, problematizei a minha vivência no projeto de revitalização dos casarios mogeirenses. Tal projeto foi elaborado pelo Instituto Interdisciplinar de Educação, História e Cultura¹, financiado pela Lei Aldir Blanc², edital 2021.

Nesse sentido, pude compartilhar uma das minhas vivências acadêmicas, me colocando no âmbito da pesquisa de campo em patrimônio, memória e identidade, no Labhis (Laboratório de história); posteriormente, fazendo uso dessas vivências de campo no instituto interdisciplinar. Vale dizer que tais vivências de pesquisa antecedem à pandemia do COVID - 19, porém, é oportuno refletir, também, acerca das dificuldades enfrentadas no cenário cultural brasileiro neste período pandêmico.

A lei Aldir Blanc recebe seu nome em homenagem ao artista Aldir Blanc, que foi vítima da COVID – 19 no início da pandemia, fazendo com que o governo refletisse sobre como estão vivendo os artistas brasileiros diante desta realidade pandêmica. Com isso, o governo federal criou a lei em destaque como aparelho de políticas públicas, destinando investimentos a serem distribuídos nos estados e nos municípios selecionados; um dos municípios contemplados foi Mogeiro - PB.

O despreparo para a execução e diligência dos recursos para a Paraíba foi de uma grande ignorância, fazendo com que a verba voltasse em algumas cidades, por falta de aplicação e uso do dinheiro público, sendo um fator decisivo a falta de organização e conhecimento, para direcionar os munícipes e seus agentes culturais.

Os incentivos da pesquisa foram drasticamente atingidos com a pandemia, mas, pelo incentivo da Lei Aldir Blanc, com o Instituto de Educação, História e Cultura, o qual sou fundadora, pude assumir um compromisso, em meio à pandemia, de elaborar e desenvolver um projeto de revitalização, com a possibilidade de trazer para a cidade uma visão patrimonial, rica em conhecimento e detalhes, atitude esta que tomou uma proporção internacional, saindo em canais de alcance mundial, como o perfil do Ministério do Turismo do Brasil.

Compartilho este relato, pela ótica de uma historiadora que viveu o processo, podendo partilhar as possibilidades, desafios e aprendizados, a fim de possibilitar a pesquisa da história

¹ No primeiro capítulo do presente texto, há uma caracterização/contextualização do referido Instituto, explanando sua trajetória.

² A Lei Aldir Blanc é uma lei de caráter emergencial, devido aos efeitos econômicos e sociais, derivados da pandemia da Covid-19. Sancionada em 29 de junho de 2020, foi nomeada em homenagem ao letrista e compositor homônimo. Por meio de tal lei, os estados e municípios receberam R\$3 bilhões da União.

local ativa, por meios de ações positivas, como a relatada, bem como a importância de registrar um passo da historiografia da Paraíba em ação de revitalização e intervenção, através de um incentivo de pesquisa pública, contribuindo com a evidenciação de possibilidades, para que ações positivas, como a lei Aldi Blanc, sejam frequentes.

Quando apresentamos, na live, o projeto da lei Aldir Blanc³, os dias seguintes seguiram em um clima de tensão e alegria entre os moradores. A dúvida pairava no ar: seria possível ficar tão bonito, ou é apenas uma projeção? Será que vai mudar muito? E se a obra cair? Será que eles são capazes de concluir este projeto? Muitas perguntas, que só o tempo responderia, mas, por outro lado, recebemos muito apoio até, mesmo pelo simples fato de tomar a iniciativa, resultando na revitalização possível.

Desse modo, percebemos que a educação patrimonial é a base para compreendermos o impacto educativo na revitalização da memória, detalhando as dificuldades em elaborar o projeto e conseguir as verbas necessárias, bem como a receptividade da população nesta ação positiva.

Os detalhes arquitetônicos, a presença dos operários da cidade e sua capacitação em participar de uma obra de revitalização e as possibilidades de economia criativa, para a cidade, trazem uma relevância para podermos construir uma abordagem acadêmica sobre o papel do historiador e sua importância nas obras de revitalização.

O objetivo principal do presente trabalho é o de conclusão de curso, analisando o impacto que a revitalização dos casarios está possibilitando no coletivo mogeirense. Para compreender as características das casas, sua multiplicidade e influência arquitetônicas, utilizamos Lemos (1967), que aborda o conceito de casa na transição do século e de construções destas. Como ponto de ampliação dos entendimentos da memória e identidade, lançamos mão Candau (2011), abordando aspectos importantes que cercam o lugar de memória e a identidade dos cidadãos sobre o seu local de memória.

Entretanto, fiz minha leitura de lugar/memória, baseada em Halbwachs (2004), visto que, ao introduzir suas observações sobre memória coletiva e memória individual, o autor lembra que “apelamos aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma” (HALBWACHS, 2004, p. 27). Em outras palavras, uma declaração não teria sentido senão em relação a um grupo do qual o sujeito faz parte ou de um acontecimento vivido em comum e,

³ O projeto foi apresentado, a princípio, após sua aprovação em edital publicado no Diário da Prefeitura de Mogeiro, em live, para que a comunidade, em um contexto pandêmico, pudesse participar.

por isso, depende do quadro de referência que envolve o grupo e o indivíduo. Frente a isso, tal autor discorre que

Durante o curso de minha vida, o grupo de que fazia parte foi o teatro de certo número de acontecimentos, dos quais digo que me lembro, mas que não conheci senão pelos jornais ou depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Ocupam um lugar na memória da nação. Porém eu mesmo não os assisti. Quando os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros. [...] Uma memória emprestada, que não é minha. [...] Por uma parte de minha personalidade, estou engajado no grupo, de modo que nada do que nele ocorre, nada do que o transformou antes que nele entrasse me é completamente estranho. Mas se quiser reconstituir em sua integridade a lembrança de tal acontecimento, seria necessário que juntasse todas as reproduções deformadas e parciais de que é objeto entre os membros do grupo (HALBWACHS, 2004, p. 54-55).

O autor pontua suas vivências no teatro, como um exemplo de memória coletiva e de representações da memória. Da mesma forma, podemos vislumbrar, ao olharmos as memórias do lugar revitalizado, que estas deixaram de ser apenas *memórias emprestadas*, permitindo incluir-se a mesma, diferentemente das memórias coletivas. Mesmo reunindo todos os pontos de vistas, não conseguimos interpretar o significado e a singularidade de cada indivíduo, mas podemos compartilhar de memórias que nosso lugar tem em comum. São essas relações de aproximação que fazem elucidar os efeitos que o projeto em questão proporcionou à comunidade.

Tendo em vista o posicionamento do autor, podemos observar que a memória dialoga com as experiências dos grupos, ora no singular, ora no plural. Segundo Halbwachs (2004), só temos capacidade de lembrar, quando assumimos o ponto de vista de um ou mais grupos e nos situamos entre correntes do pensamento coletivo:

Assim, se encontrarmos mais tarde membros de uma sociedade que se tornou para nós a tal ponto estranha, por mais que nos encontremos no meio deles, não conseguimos reconstituir com eles o grupo antigo. É como se abordássemos um caminho que percorremos outrora, mas de viés, como se o encarássemos de um ponto de onde nunca o vimos (HALBWACHS, 2004, p.31).

Para Halbwachs (2004), os relatos memorialistas, de inquestionável valor para o pesquisador, devem ser considerados no interior da chamada “cultura da memória”, que impõe desafios teóricos a enfrentar.

Nesse sentido, o contexto no qual escrevi este texto, abril de 2022, deve ser levado em consideração diante da pesquisa. O ofício do historiador, dentro da pandemia da COVID-19, é um desafio, tendo em vista que não podemos fazer uma pesquisa mais abrangente, detalhada em arquivos, em proibição do ministério da saúde. Meu desejo de elaborar entrevistas junto à comunidade e aos envolvidos na obra ficará para uma pesquisa futura, já que fatores, como: o

tempo de pesquisa, a pandemia, a ansiedade e o financeiro me impossibilitaram de trazer um trabalho mais robusto.

Farei com que este trabalho seja um *projeto guarda-chuva*⁴, para ampliar e abraçar várias pesquisas, em um futuro próximo, com o “novo normal”. Que as experiências deste relatório sirvam de encorajamento, aprendizagem, pois, até então, no estado da Paraíba, é difícil contemplar a ousadia que este projeto abrange: revitalizar o lugar de memória para cultivar a economia criativa da cidade.

Enfrentaremos um desafio cultural, artístico e historiográfico inigualável com as consequências da COVID-19. Dessa forma, é de suma importância um relato como este, como meio de discussão e debates acerca dos impactos que as ações positivas tiveram durante a pandemia. Além disso, através deste estudo, podemos problematizar vários pontos importantes, os quais podem ressoar em pesquisas futuras.

Minhas expectativas com este trabalho se referem também em apresentar esse processo de revitalização em pauta, sua viabilidade e a possibilidade de as pessoas, principalmente as de Mogeiro – PB, entenderem e assumirem o papel de preservação da História local, tendo em vista a falta de direcionamento, preparo e estrutura que as entidades governamentais passam para gerir as verbas culturais, quando têm acesso a esse recurso.

Considerando o exposto, organizamos as nossas reflexões em três capítulos. No primeiro, abordaremos o nascimento do Instituto Interdisciplinar de História e Cultura, seus fundadores, sua trajetória e crescimento em meio às dificuldades enfrentadas, evidenciando que, sem o apoio de tantas pessoas e da iniciativa de um grupo de historiadores, nada teria se tornado palpável.

No segundo, abordaremos as casas e as características de suas fachadas, bem como as técnicas, utilizadas no projeto, ampliando a visão para a importância da participação dos operários. Problematizaremos o projeto, a receptividade dos cidadãos com a obra e as ações positivas, implementadas no processo de construção da obra.

No terceiro, abordaremos as consequências da construção da obra, para a visão econômica, o impacto da economia criativa para a população e como a revitalização pode contribuir para o desenvolvimento da cidade, com seu novo cartão postal.

⁴ Tem por objetivo estruturar a produção e disseminação do conhecimento técnico-científico, por meio da integração de atividades de pesquisa, ensino, extensão, inserção social, orientação, entre outras.

CAPÍTULO I – CRIANDO OPORTUNIDADES: O NASCER DO INSTITUTO PELAS MÃOS DE ESTUDANTES

Para iniciarmos este capítulo, voltemos alguns séculos, para compreender o nascimento da cidade de Mogeiro. Hoje, a cidade recebe uma divisão imaginária⁵entre Mogeiro de cima e de baixo, divisão esta que percorre toda sua trajetória de Sitio até, atualmente, seu “formato” de cidade.

Os primeiros habitantes de Mogeiro foram os índios cariris, que ocupavam boa parte do Brasil. Em decreto, através da lei provincial 240, foi criado, em 1856, o termo “Mogeiro de Baixo”, como também foi criado, por lei provincial 569, Mogeiro de cima, ambos pertencentes à Ingá. Essa divisão de terras foi feita, para, supostamente, organizar as sesmarias dadas a Manoel Pereira de Carvalho, que recebeu as terras situadas entre Tabuana e o riacho Mogeiro, com o objetivo de serem colonizadas.

Em 1874, a lei provincial 512 criou a freguesia de Nossa Senhora das Dores. O termo freguesia, que é citado em vários documentos e artigos, se refere ao povoado criado a partir de povoações paroquianas, comprovando, assim, que em 1874 Mogeiro já havia população, agrupando-se nas imediações de Mogeiro de Cima e de Mogeiro de Baixo, locais onde se localizam o maior centro de casas centenárias de estilo eclético.

Em 1893, Mogeiro foi desmembrado de Ingá, sendo anexado à Itabaiana, pelo Conselheiro Manoel Faustino. Logo em seguida, pelo decreto-lei estadual nº 1010, de 30-03-1938, o distrito de Mogeiro de Cima passou a se denominar apenas Mogeiro. Porém, popularmente, o riacho Mogeiro, até os dias atuais, divide a cidade entre Mogeiro de Cima – onde se localiza a Igreja matriz e a Prefeitura da Cidade – e Mogeiro de Baixo, onde se localiza o conjunto de casarios do primeiro centro comercial de Mogeiro.

Mogeiro é elevado à categoria de município, com a denominação de Mogeiro, pela lei estadual nº 2618, de 12-12-1961, tendo a oportunidade de crescer enquanto município, pois logo ganharia o distrito de Gameleira, que também é subdividido entre a linha férrea, pertencente à Ingá e Mogeiro. A freguesia de Mogeiro, conhecida como Nossa Senhora das Dores, se tornou um lugar propício para criação de fazendas distantes, levando em consideração que as comunidades, estabelecidas nos dias de hoje, começaram a ter sua

⁵ Essa divisão imaginária se dá decorrente da divisão de terras pelas sesmarias, pois a coroa fazia a partilha imaginária de lotes de terra, marcados pela natureza, como: rio, riachos e montanhas.

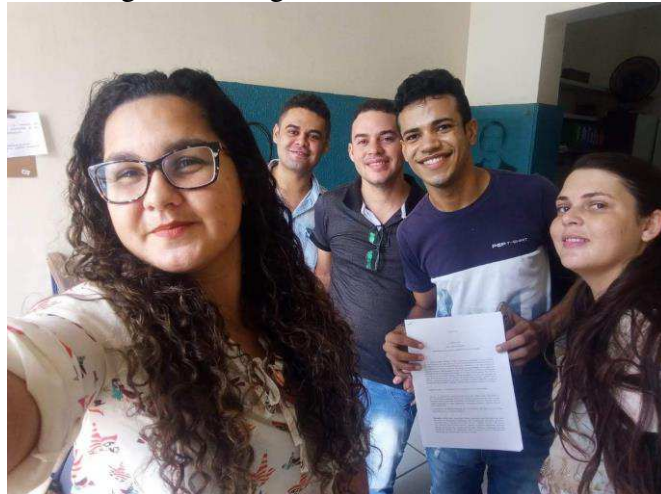
existência no mesmo período e ambas nascem da construção de um patrimônio de casarios e fazendas, espalhados pelas extensões de 214.389 km² de Mogeiro.

Dada as premissas sobre o nascimento da cidade de Mogeiro, objetivamos analisar e evidenciar como as edificações centenárias estão nos dias de hoje, 2021 e 2022, tendo em vista a importância do ato de fazer acontecer a revitalização e rememoração de pontos importantes da cidade de Mogeiro, como o conjunto de Casarios, sede da Fazenda São João.

Nesse momento, convém situarmos o Instituto Interdisciplinar de Educação História e Cultura, criado em 2019, fundado pela mesa diretora, composta pela Dra. Maria Liége, Paulo Rosa, Renally Almeida, Ewerton e Magdiel, com intuito de fornecer possibilidades de trabalho em pesquisas na área de história, educação e cultura. Tal instituto é fruto da iniciativa de um grupo de estudantes, que fez acontecer suas próprias oportunidades, a fim de estabelecer um instituto a serviço da população e coletividade da nossa região, para o benefício da Paraíba.

Oficializamos o início das atividades do instituto no seu registro, como destacamos na figura 1. Com a participação da mesa diretora e da ata de reunião em mãos, no cartório de Itabaiana, demos início a uma perspectiva futura: estar a serviço da revitalização patrimonial e de todas as possibilidades das quais poderíamos abraçar.

Figura 1 – Registro da ata em cartório



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Vale dizer que não tínhamos a certeza de nada que pudesse vir a nos favorecer em âmbito geral. Lembro-me que revive em mim um sentimento de esperança. Mesmo vivenciando uma incerteza, com relação a iniciativas governamentais, assinei um compromisso, que foi o ponto de partida no investimento da pesquisa; compromisso este,

assumido pelo coletivo de cinco pessoas. Cada pessoa da foto tinha sua vida particular, afazeres, trabalhos, família, filhos, mas, a partir do momento em que assinamos o registro, colocamos o instituto como nossa prioridade. Eu, particularmente, não tinha noção do que poderíamos alcançar. Fui surpreendida em um misto de felicidade e esperança, com picos de dúvidas. Será que vai dar certo? Interiorizava em palavras. Mesmo que o êxito fosse duvidoso, precisava ter, ao menos, a certeza de ter tentado.

Nesse momento, seguindo a sequência da foto, eu, Vitória Gondim, assumia a cadeira de diretora de turismo, eventos e patrimônio documental; Magdiel Junior, como diretor de línguas estrangeiras e literatura; Ewerton Lucas, diretor de educação, letramento e práticas do ensino; Paulo Rosa, presidente do instituto e diretor de patrimônio cultural; e Renally de Almeida, tesoureira e diretora de cultura e patrimônio imaterial. Na necessidade de agregar mais pessoas em nosso corpo, foram somados coordenadores de núcleos, o que pode ser visto ao longo da apresentação do nascimento do instituto.

Em 2019, participamos, como colaboradores, na catalogação das casas de Itabaiana, em parceria com o IPHAEP, fazendo o levantamento das casas de todo o perímetro urbano, para realizar o levantamento fotográfico e da ficha técnica, a fim de fornecer os dados à instituição estadual, para que o órgão possa determinar a área de preservação principal e a área de entorno.

Nosso trabalho não disponibilizava de cunho lucrativo, por isso, muitas vezes, tínhamos que nos dividir em obrigações da universidade, trabalho extra, para nos manter na pesquisa, mas sempre assumimos nosso comprometimento com a colaboração da pesquisa na Paraíba. De tantas pessoas que nos apoiaram durante nossa trajetória, não posso deixar de mencionar os nossos amigos pesquisadores do Labhis.

O laboratório de História nos forneceu um entrelaçado de amizades de diversas áreas, que ampliou nossos conhecimentos. Poucos permaneceram em nossa caminhada, mas sabemos que todos que passaram deixaram sua contribuição. Nosso êxito não está em quem finaliza o ciclo, mas, sim, em quem participa e acredita nele. Na figura 2, temos um de nossos registros de atividade em campo, na cidade de Itabaiana; nele, estão os membros do instituto e nosso colega de pesquisa do LABHIS, que nos ajudou nesse processo de inventário na cidade.

Figura 2 – Mapeamento das casas em Itabaiana



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Figura 3 – Mapeamento das casas em Itabaiana



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Essa última foto me recorda o quão perseverantes nos tornamos no campo de pesquisa. Trata-se de um registro do nosso almoço, após uma manhã de coleta de dados para o inventário. Com recursos próprios, compramos pães e mortadela, sentamos na rodoviária da cidade à espera do último ônibus, que passava ao meio-dia, para assistir aula na universidade e participar das reuniões de pesquisa. Esta é uma memória que faz me lembrar da esperança que tínhamos em ir a campo. Levo comigo esta memória como um fato de superação e marco na minha vivência como pesquisadora.

Vivemos experiências desafiadoras em meio ao andamento da pesquisa. Foi uma luta enfrentar as condições financeiras escassas, aliadas à desvalorização da pesquisa. Sempre estávamos na incerteza de prosseguir. A cada documento registrado, gastava-se de duzentos a trezentos reais. De onde poderíamos tirar esses investimentos, tendo em vista que o pouco que ganhávamos, para nos manter na universidade, era utilizado para uso em passagens e

alimentação? Juntar dinheiro e moedas, para comer, esperando o ônibus, era comum. Vivíamos em um limite tremendo. O apoio da nossa vice-diretora, Maria Liege, que não se limitava em nos auxiliar, inclusive, financeiramente, foi decisivo para a realização das documentações e permanência do instituto. Ver uma doutora, assinando e incentivando tudo o que fazíamos, nos impulsionava. Suas palavras e atitudes foram de auxílio e refúgio nos momentos que pensávamos em desistir. Sempre mencionava nosso nome com gratidão e respeito.

Hoje, dividimos todas as nossas conquistas com quem pôde nos ajudar, seja comprando rifas ou tirando 50 reais, para nos ajudar a pagar os documentos que precisamos. As mesas da lanchonete de Sayonara eram marcadas com encontros antes de iniciar as aulas, onde dividíamos nossas angústias e também muitos de nossos amigos nos ajudavam. A todos que nos ajudaram, este instituto também é de vocês.

1.1 As casas, a cidade e o projeto de Revitalização: desafios e perspectivas de uma historiadora

Escrever sobre as vivências na revitalização dos casarios e a participação no instituto me fez rememorar minha trajetória acadêmica, as oportunidades de pesquisa e constatar um fato: o apoio financeiro como um dos desafios centrais para a realização de pesquisas, na área das ciências humanas. Minha caminhada no âmbito da pesquisa se iniciava em 2019, e mal sabia eu o quanto sofreria no início de 2020 com a pandemia da COVID-19. 2020 foi o ano que me vi desempregada, sem motivação e esperança para vivenciar o novo normal. Minha rotina de pesquisa não existia mais, tampouco as conversas na lanchonete de Sayonara. Quando mal conversávamos, era através dos grupos de *whatsapp*.

Essa ausência de encontros presenciais, que se constituíam como importantes momentos de diálogo sobre o andamento das ações do instituto, as dificuldades financeiras e tantos outros desafios postos pelo cenário pandêmico, interferiram diretamente no nosso fazer.

O que nos permitiu levantar um projeto em pouco tempo, no final de 2020, para apresentar à prefeitura municipal de Mogeiro, foi a nossa dedicação em sonhar alto, quando não tínhamos oportunidades. Em todas as cidades do Vale do Paraíba, as quais nossos amigos moravam, analisamos as potencialidades da cidade e qual possibilidade dava certo no desenvolver de um projeto. É assim que hoje temos uma visão crítica e construtiva da história e cultura da cidade que moramos, e Mogeiro não foi diferente.

No fim de 2019, realizamos nossa expedição, para explorar e sonhar Mogeiro. Começamos nossa visita em Mogeiro de Cima, diante da Igreja Matriz, passando pelo comércio da rua principal, indo até o oratório, já sendo a zona rural de Mogeiro de Baixo. Sentimos o ardor do sol, que queimava nossa pele sem temor, inclusive, hoje, minha amiga Renally tem uma mancha no rosto, que “ganhou de presente” da cidade.

Nossa parada, na volta, foi nos casarões da cidade, na Fazenda São João. No primeiro momento, já escolhemos qual seria o local onde ficaria melhor a sede do instituto; e, com olhares curiosos, começamos a pensar como estaria a casa por dentro. Olhávamos as faixas, “espiávamos” por cima do muro e até tentávamos ver se aparecia alguém para nos apresentar, mas não apareceu. Ficamos no desejo de indagar e sonhar como seria aquele espaço pintado. Nem pensávamos em fazer uma revitalização, achávamos que uma boa pintura serviria “como uma luva”.

Foi por essa expedição dos sonhos, que pudemos apresentar à Prefeitura Municipal de Mogeiro a proposta de revitalização dos casarões, uma obra que ultrapassava nossos olhares curiosos e aplicava técnica, conhecimento arquitetônico, história e muita cultura. Conseguimos tornar nosso sonho realidade, construindo um projeto em revitalizar os cenários do interior.

Com a ajuda da articuladora do estado, Clévia, da secretária de educação, Fátima Gonçalves, e do nosso presidente idealizador de todos os projetos do instituto e nosso novo diretor de obras, Gabriel Willy, apresentamos o projeto à prefeitura antes de colocá-lo em votação, pois já sabíamos que a verba seria insuficiente para a conclusão do projeto. Foi nesse momento que a Prefeitura de Mogeiro apoiou nossa iniciativa e fez tornar realidade a apresentação do projeto nos últimos meses de 2020, para a comunidade.

Nesse momento, ao termos contato com opiniões diversas, tínhamos um desafio em carregar este projeto nas mãos e a certeza da dúvida de nossa capacidade. Foram divididas as opiniões, em que parte nos parabenizava e a outra já condenava a obra, alegando que nunca iríamos terminar, por se tratar de uma iniciativa de apoio da prefeitura e dinheiro público. O que nos restou foi a capacidade em levar essas dúvidas para o dia de conclusão da obra e mostrar a capacidade do instituto.

Mogeiro, para mim, sempre foi uma cidade de possibilidades, pois, onde as pessoas colocavam um ponto final, eu imaginava ser apenas uma vírgula, uma pausa para podermos dialogar e avançar. A calma dessa cidade me presenteou com essa oportunidade em vivenciar este projeto e é por meio dela que mudei minha perspectiva de escrita na reta final

do curso. Compreendi a importância de registrar este momento ímpar da minha história, momento este travado na historiografia da cidade de Mogeiro.

O instituo me propôs estar em uma experiência de intercâmbio cultural e histórico, em que pude visitar e estar em lugares que me enriqueceram em cultura, turismo e patrimônio, proporcionando uma intervenção cultural impactante. Da participação do inventário de Itabaiana⁶ até a finalização da revitalização de Mogeiro, carreguei comigo os saberes do conhecimento adquirido em cada trajeto, possibilitando que eu pudesse despejar um pouco do que sabia em cada lugar.

Hoje, compreendo como as coisas acontecem em um momento propício. Esperar tanto tempo para adquirir e concluir um projeto dessa complexidade me fez estar mais preparada para os desafios da pesquisa de campo. Minha trajetória de pesquisa foi a escola, para que eu pudesse estabelecer meu olhar crítico sobre minha cidade e tantas outras cidades, de modo que não conseguimos parar de sonhar em uma oportunidade de pesquisa.

⁶ Foi uma ação em parceria com o IPHAEP, LABHIS e a prefeitura de Itabaiana, que me possibilitou as minhas primeiras pesquisas de campo sobre patrimônio material, trabalhando diretamente no levantamento da catalogação das casas de Itabaiana, para delimitar a área de proteção e proteção de entorno.

CAPÍTULO II – UM FRUTO DA PESQUISA: O PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO DOS CASARIOS DE MOGEIRO DE BAIXO

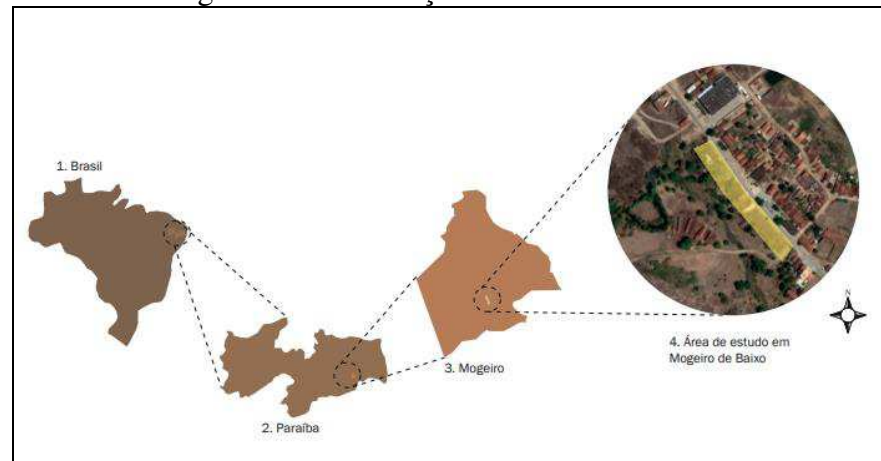
Em um contexto pandêmico, que assolou o mundo em 2020, com a COVID-19, me senti desmotivada no âmbito da pesquisa e dos estudos. Os assuntos que circulavam sobre a pandemia mundial foram de desafios sem precedentes, quando se trata de cultura, história e sociedade. Tivemos que mudar nossos hábitos e nos reinventar, para alcançarmos uma estabilidade emocional e financeira. Foi pelo apoio e incentivo da lei emergencial da cultura que pudemos dar continuidade às atividades do instituto e unirmos forças para criar um projeto de revitalização dos casarios de Mogeiro de Baixo, dando a cidade um cartão postal.

Fazendo um bom usufruto da verba, a prefeitura da cidade de Mogeiro abriu os editais de seleção, para a participação dos mogeirenses, dando oportunidade aos artistas, cantadores, cozinheiros e pesquisadores da cidade. Com essa oportunidade, pudemos inscrever o instituto dentro da categoria “Cenários do interior”, na qual fomos deferidos, recebendo a verba inicial e o apoio da prefeitura para a execução. Assim, demos início a uma trajetória singular na minha carreira profissional e construção de uma nova perspectiva para os cidadãos.

2.1 As condições atuais e a delimitação do projeto

Neste capítulo, nosso objetivo é o de analisar e evidenciar como as edificações centenárias estão nos dias de hoje, 2021 e 2022, tendo em vista a importância do ato de fazer à revitalização e rememoração de pontos importantes da cidade de Mogeiro, como o conjunto de Casarios, sede da Fazenda São João. Vejamos, na figura 4, o recorte espacial abordado neste capítulo.

Figura 4 – Delimitação da área de estudos



Fonte: Apresentação do projeto, 2020.¹

Diante deste monumento histórico, abandonado pelas políticas públicas estaduais e municipais, considerando que o estado da Paraíba, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), não consegue desempenhar um trabalho de curadoria nas cidades do nosso estado, tendo em vista que o grupo reduzido de colaboradores precisa dar assistência às 19 cidades tombadas no estado, o corpo de funcionários da instituição não consegue abraçar as necessidades que precisamos, fazendo com que o órgão funcione de forma vagarosa em suas ações, além de não ter mão de obra qualificada para desempenhar vistorias, inventários e auditoria nas cidades solicitadas, dificultando o andar dos projetos e a execução de uma educação patrimonial.

A inexistência da secretaria de cultura da cidade de Mogeiro abre uma lacuna no foco e na preservação do patrimônio local, deixando, em segundo plano, valores culturais que são agregados a outras secretarias. É necessário trabalharmos a cultura, o turismo, o esporte e o lazer de forma interdisciplinar em sua execução, com capacitações e valorização dos profissionais que dirigem tais secretarias.

Dessa forma, podemos compreender e executar ações positivas para a preservação e desenvolvimento da cultura local. Porém, a falta de recursos financeiros limita essa execução, a ponto de disponibilizar apenas uma pasta para atender o município de Mogeiro, dificultando o desenvolver dos projetos e ações positivas, que possam fortalecer tal município como um lugar de memória e sua economia criativa⁷.

Quando idealizávamos este projeto de revitalização, esbarramos em uma grande dificuldade, a falta de investimento. Em uma visita a Mogeiro, para conhecer os pontos

⁷ É o conjunto de ações embasadas nas atividades culturais, tecnológicas e criativas que geram receita e impacto para a economia.

turísticos da cidade, tivemos a possibilidade de visitarmos várias casas privadas de Mogeiro de Cima, conhecendo sua estética e a sua arquitetura interior. Além disso, nos surpreendemos com as características conservadas: seu interior permanece, com piso e divisões originais. Em casas que tinham moradores, os traços de reforma das fachadas fez com que permanecessem revitalizadas as eiras e tribейras, demonstrando o cuidado que a cidade tinha em receber uma revitalização como havíamos pensado.

A partir dessa observação, pude compreender como as casas são fontes de lugar de memória para os moradores, pois estes se preocupam em deixar os casarios com seus traços originais, que contam um pouco da história dos cidadãos mogeirenses; traços de uma estética que rememora a coletividade do surgimento das habitações em Mogeiro, como a construção de lugares de memória para a nova geração Z⁸, que utiliza os ambientes para marcar sua identidade, mesclando o modernismo e a arte nouveau dentro da sua identidade.

Na figura 5, a seguir, há o registro de nossa visita técnica, na qual pictografamos, como um gesto de memorizar o início de um sonho. Na foto, estão eu, Magdiel, José Paulo e Renaly Almeida em frente à Igreja Nossa Senhora das Dores, recém-reformada.

Figura 5 – Registro do dia de visita à cidade de Mogeiro



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

2.2 O Instituto, o Projeto “Cenários do Interior” e nossos primeiro desafios

Nosso projeto consistia em revitalizar as fachadas do conjunto de sete casarios de Mogeiro de Baixo, em que a freguesia de Nossa Senhora das Dores teve seu início. No edital,

⁸ Geração Z é a definição sociológica para pessoas nascidas entre 1995 a 2010. Nesse contexto, significa que os nascidos entre 1995 a 1997, desse grupo, estão saindo da faculdade e suas experiências de vida têm grande influência no tipo de trabalho que procuram e que consideram importante.

foram disponibilizados vinte mil reais, para a execução do projeto. Como sabíamos que o orçamento era insuficiente, a Prefeitura Municipal de Mogeiro nos deu apoio para disponibilizar a mão de obra e a calçada dos conjuntos. As mãos que iriam fazer acontecer seriam dos próprios mogeirenses. Este projeto foi unicamente pensado em beneficiar a comunidade com uma riqueza que irá perdurar por muitos anos, com o auxílio da conservação. Posso intitular esta obra como um enigma, pois os recursos foram investidos unicamente para a sua execução e compra de materiais.

Para compartilhar com a comunidade a Lei de emergência cultural Aldir Blanc, nos dias 20 e 21 de dezembro de 2021, apresentamos o projeto à sociedade via *live*, transmitida pela plataforma do *Youtube*⁹. Destacamos o projeto e as potencialidades culturais que Mogeiro guarda, transparecendo para a comunidade o quanto em riquezas a cidade possui. Um fator importante para a apresentação deste projeto foi com relação à posição das fachadas das casas em relação ao sol, que fez com que a descaracterização feita pelo tempo não fosse forte, facilitando o processo de conservação e bloqueando o desgaste pelo nascente.

Nosso primeiro desafio, diante do projeto, foi sobre a aprovação dos donos do conjunto de casarios, pois a Fazenda São João é um monumento privado. Através da pessoa de Luiz Silveira, articulamos, junto à secretária de educação, Fátima Silveira, o consentimento da família em autorizar o projeto. Luiz nos possibilitou uma ajuda extrema, como ponte entre a família e também como apoio dentro da Prefeitura Municipal de Mogeiro, para que o projeto seguisse seu fluxo.

Foram escolhidos os funcionários públicos da prefeitura para a participação do projeto. Isso resultou em uma demora na disponibilidade destes, pois a demanda em outras construções na cidade foi grande. Desde os pedreiros aos carpinteiros, com seus ofícios e experiências, foram de extrema importância. Listarei, através da tabela 1, os participantes e seus ofícios, para que possuam um sentimento de pertencimento com relação a essa revitalização histórica. Sem eles, nada teria fluído.

Tabela 1 – Trabalhadores e seus ofícios

Nome	Ofício
ADERALDO CARDOSO DIAS	ELETRICISTA
AILTON MARQUES DA SILVA	DIRETOR DE LIMPEZA PÚBLICA
FÁBIO ALVES DIAS	PINTOR

⁹ Link da live – <https://www.youtube.com/watch?v=HbgP-YAIBgs>

JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA	ELETRICISTA
JOSÉ CARLOS DE QUEIROZ	PEDREIRO
JOSÉ FELIPE FREITAS DA SILVA	AJUDANTE
JOSÉ HIDELBRANDO DA SILVA	CARPINTEIRO
JOSÉ JOÃO DA SILVA	CAPINADOR
JOSÉ MARTINHO DA SILVA	PINTOR
JOSÉ PAULO FELINTO DA SILVA	CHEFE DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA
JOSÉ ROBERTO DE OLIVEIRA	PEDREIRO
JOSÉ VASCONCELOS DA SILVA	AJUDANTE
LENILSON DE ANDRADE ALVES	SECRETÁRIO DE INDÚSTRIA COMÉRCIO E INFRAESTRUTURA
MANUEL NILDO DOS SANTOS	PEDREIRO
MARCIO ANTONIO SEVERINO DA SILVA	AJUDANTE
MATEUS PAULO DO NASCIMENTO MONTEIRO	AJUDANTE
SEVERINO DIAS DA SILVA	ENCARREGADO
SEVERINO DOMINGOS DA SILVA	PINTOR
SEVERINO JOSÉ PINHEIRO DE ARAÚJO	CAPINADOR
VALÉRIO	PEDREIRO

Fonte: Elaborada pela secretaria de infraestrutura do município de Mogéiro e adaptada pela pesquisadora, 2022.

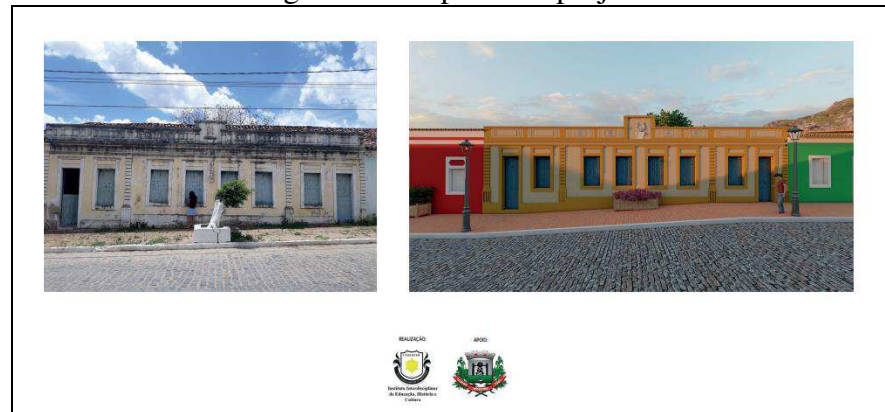
Antes de apresentar o projeto, foram feitas várias visitas técnicas, para a coleta de dados, para que o projeto pudesse ter êxito e eficácia. Uma revitalização como esta é delicada e requer um arcabouço técnico. Tendo esse conhecimento, foi elaborado o projeto estrutural e arquitetônico, além de um levantamento de danos, feito pelo nosso técnico em edificações Gabriel Willy Farias Matias, partindo dos pressupostos arquitetônicos e históricos dos casarios, levando em consideração a cor original da pintura de cada casa e também a função de cada monumento, para que as cores escolhidas pudessem rememorar as lembranças vivenciadas pelo coletivo. Vejamos, agora, as fotos das casas em nossas visitas técnicas e, ao lado, o projeto de revitalização.

Figura 6 – Proposta do projeto



Fonte: Apresentação do projeto, 2020.

Figura 7 – Proposta do projeto



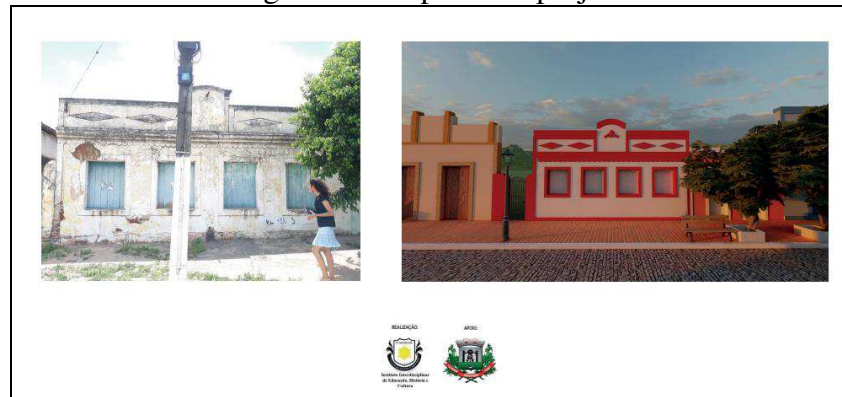
Fonte: Apresentação do projeto, 2020.

Figura 8 – Proposta do projeto



Fonte: Apresentação do projeto, 2020.

Figura 9 – Proposta do projeto



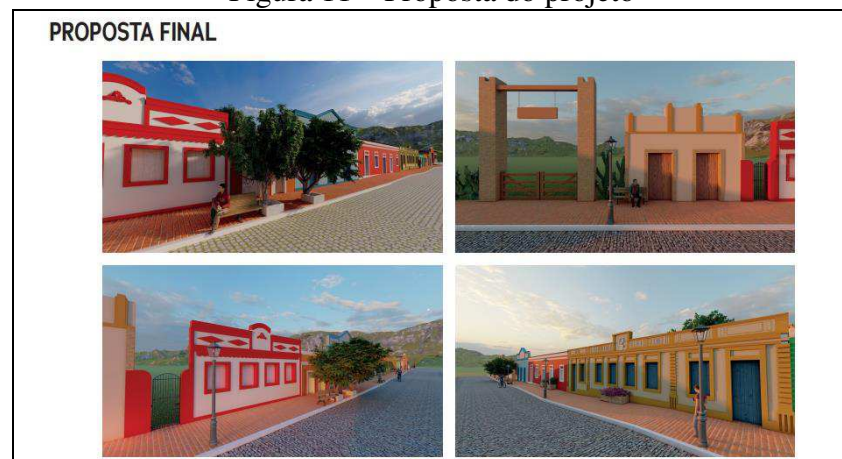
Fonte: Apresentação do projeto, 2020.

Figura 10 – Proposta do projeto



Fonte: Apresentação do projeto, 2020.

Figura 11 – Proposta do projeto



Fonte: Apresentação do projeto, 2020.

Todo o material apresentado é fruto da apresentação do projeto em *live*. Para melhor compreensão do leitor, estão em anexo o reconhecimento do Laudo e as Avaliações gerais dos Imóveis, feitos pelo nosso técnico em edificações Gabriel Willy Farias Matias, podendo ser utilizados em pesquisas futuras, para compreender a complexidade do projeto e sua durabilidade e consequência pelo tempo.

2.3 O conceito de Casa, a sociedade e o tombamento

Estamos abordando os primeiros casarios da cidade de Mogeiro. É importante evidenciar a existência de fazendas e construções datadas do século passado; algumas em bom estado de conservação, pois a comunidade se preocupa em reestabelecer laços em seus lugares de memória.

Em pesquisas futuras, é importante observar esses elementos, de acordo com o mapa cartográfico da cidade, criado pelo IBGE, o qual pontua os principais pontos de fazendas, sítios e comunidades da cidade de Mogeiro¹⁰.

Iniciar este projeto de revitalização foi um símbolo de desafio constante contra a descaracterização dos casarios. De acordo com Lemos (2004), essas mudanças e possibilidades, que disponibilizamos a cidade, podem ser mal interpretadas e resultar na desconfiguração da casa original, a exemplo das experiências evidenciadas pelo autor nos dias de hoje, pois

[...] Quando trabalhamos no CONDEPHAAT, no serviço técnico de conservação e restauro daquele órgão de preservação do nosso patrimônio histórico, se não me falhe a memória em 1970, estivemos naquela fazenda para efetuar o levantamento e tirar fotos – a casa já estava desabitada e parte do seu telhado arruinado. Os proprietários logo suspeitaram de que ali tivessem chegado com o intuito de instruir o processo de tombamento. Da desconfiança a ação não demoraram: na semana seguinte a casa estava no chão, perdendo-se para sempre a decoração da capela, cujas pinturas primitivas tinha maior interesse. (LEMONS, 2015, p. 98)

No decorrer do presente trabalho, usamos sempre o termo revitalização de casas e casarios. Nesse sentido, destacamos que, quando abordamos os casarios, referenciamos não só o ambiente, como casa/moradia, mas também como um complexo interligado, permitindo acesso aos galpões, casa central, a casa do dono e as casas comerciais, entre outras funcionalidades. Porém, fuge do escopo deste relato abordar a função histórica de cada casa e sua arquitetura interior, que vai se modificando no decorrer dos tempos.

Porém, é importante ressaltar que o conceito de casa é vasto e vai se modificando diante das necessidades da sociedade. Hoje, em meio à pandemia, descrevemos nossa moradia como um todo: lugar de trabalho, de estudos, de descanso, de fortaleza contra o inimigo invisível e, por último, mas não menos importante, o lugar de reunião de pessoas. A sala de jantar e a sala de TV não possuem as mesmas funções que em 2019. No contexto em que as

¹⁰ Através do link https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/PB/mogeiro/2509404_MM.pdf, é possível visualizar o referido mapa.

casas começaram a serem construídas, estas também foram de uma realidade múltipla, seu conceito era amplo. Casa, como moradia e trabalho, era comum diante desses monumentos, por isso, podemos ver nesses casarios, galpões, moradia e lugar de comércio.

Nesse sentido, são essas mudanças que Lemos (2015) ressalta em seu livro *Casas paulistas*. Vejamos suas experiências, ao iniciar seus projetos de revitalização, e seus desafios, muito próximos dos quais enfrentamos nos dias de hoje:

[...] ao longo do tempo, surge a grave questão, o inevitável impasse causado pela ausência do edifício, face as forçadas mutações do programa, pois as necessidades ali arroladas e as necessárias relações que mantêm entre si estão sempre em permanente processo de mudança, advinda sobretudo dos progressos e de novas normas de atuação (LEMOS,2015 p. 18).

Da experiência com deste projeto, podemos ver uma relevância, que entrelaça os casarios, com suas múltiplas funcionalidades, com o anamnese e sua arquitetura, que rememora lembranças de uma cidade que se encanta ao lembrar este lugar de memória, a partir dessa linha de pensamento. A seguir, levaremos em consideração as lembranças pouco precisas e as vivências a partir dos casarios e da revitalização.

CAPÍTULO III – OS CASARIOS, A REVITALIZAÇÃO E O LUGAR DE MEMÓRIA

As fachadas das casas preservam uma arquitetura mista e que representa muitas intervenções durante os anos de funcionamento. No interior das casas, podemos ver essas modificações, como arcos que se transformaram na fachada que vemos hoje. Para esmiuçar esse processo de mudança, teríamos que investigar as modificações do pavimento; porém, isso requer uma pesquisa minuciosa e detalhista, para compreender as transformações. Gabriel William, em seu laudo, identificou, dentre o conjunto de Casarios, estilos, como: *Arte decor*, *arte nouveau* e o estilo que mais é visto entre as casas, o eclético. Nosso técnico pontuou algumas características do imóvel 5, este que possui o maior fluxo de pessoas¹¹. Vejamos os detalhes da casa 5 e sua influência.

Figura 12 – Ornamento da casa principal



Fonte: Apresentação do projeto, 2020.

Por lei, todas as igrejas católicas são tombadas pelo Iphaep, de modo que a salvaguarda proíbe descaracterizações destas no território paraibano. Contudo, enquanto aos casarios, fazendas, moinhos e afins, Mogeiro se encontra desamparado de leis e recursos que possam proteger e investir no patrimônio local. Esse é um déficit de muitas cidades paraibanas, que acabam desgastando o que é encantador para os próprios moradores: o lugar de memória.

Quando falamos nos edifícios como lugar de memória, podemos cruzar centenas de histórias, sentimentos e pertencimentos àquele lugar. Porém, quando esse lugar não me

¹¹ Esta era a casa principal da fazenda, sendo um dos pontos de comércio, de entrada e saída da população, para negociação das matérias-primas e riquezas da propriedade, ambiente separado das mulheres, por se tratar de uma área comercial em sua primeira ocupação.

reconecta as minhas lembranças, tal lugar começa a perder a minha e a sua identidade. Nisso, entre outros fatores, reside a importância da revitalização, com cuidados e estudos específicos sobre o lugar.

Com relação aos detalhes desse frontão, podemos ver a riqueza de seus ornamentos. Não consigo imaginar a possibilidade da destruição pelo tempo ou, até mesmo, na descaracterização para uma reforma Moderna, quebrando o vínculo de memória ali salvaguardada.

Por muitos anos, a economia da cidade girou em torno dos casarios de Mogeiro de Baixo, que organizava suas encomendas e recebia os tropeiros com cargas, para utilizar como um ponto de parada, apoio e negociação. O algodão era uma das matérias-primas mais cultivadas nas fazendas, sendo distribuído na freguesia da cidade. Dentre tais fazendas, podemos citar a Fazenda Mangueira, situada a 3km da cidade, conforme narra Anna Café, em entrevista concedida a mim, no dia 20 de janeiro de 2021, no Sítio Mangueira, em sua residência: “alvinha, alvinha, carregava tudo para a fazenda, para ser levada para a cidade, era uma trabalhadora danada, foi muito tempo depois que arrumaram um carro de boi, mas, quando eu era moça, levava os sacos de algodão na cabeça a pé até a fazenda de Mangueira”.

Anna Café evidencia, em sua entrevista, a influência da agricultura na cidade, pois transportavam a pé os sacos de algodão até a fazenda mais próxima, a qual era o centro comercial da freguesia, ou seja, a Fazenda São João, um polo de destruição, venda e comércio de artefatos, que chegava e viajava com os caixeiros e na linha férrea.

3.1 O Cotidiano do projeto: o olhar do historiador dentro da revitalização

Começamos o acompanhamento, semanas após a verba ser disponibilizada para o projeto. As idas a Campina Grande - PB, para registro de documento em cartório e para configurar conta de banco foram exaustivas; processo que durou meses, para nos ser disponibilizado e, assim, chegou a hora de tirar o projeto do papel e colocá-lo em prática. Meu sentimento, a princípio, foi de insegurança. Aproveitava os meus horários de almoço para conferir a obra, como estava fluindo e se permaneciam as mesmas características. Dormia com medo de ter sido descaracterizado algum aspecto dos casarios. Foram feitos pequenos reparos na estrutura das casas, para preencher os lugares que não tinham mais reboco e remover o que precisava ser refeito.

Em alguns pontos, como na Casa 3, os detalhes do arco, embaixo da tribuna, necessitaram ser desfeitos, para refazer as frivolidades com exatidão do processo. O ofício dos

participantes deste projeto foi crucial, para produzir esta obra com calma, delicadeza e seguir a estrutura original. Vejamos, abaixo, o processo de revitalização da casa 3, destacando como esta moradia se encontrava antes do projeto.

Figura 13 – Processo de revitalização



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.

Figura 14 – Ornamento da casa principal



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.

As visitas se tornaram esporádicas, pois, como os funcionários são da prefeitura, tinham outras demandas do município para fazer. Isso fez com que a obra, que deveria durar 90 dias, fosse entrar em seu status de conclusão em 11 de abril de 2022. Entretanto, os resultados obtidos, diante da demora, trouxeram desenlaces surpreendentes dos lugares mais danificados, até mesmo na parte do restauro de detalhes que foram cobertos por lodo e sujeira.

A cada etapa concluída postava em minhas redes sociais, e um sentimento de esperança pairava no ar, pois é do cotidiano de moradores, geralmente esperar longos anos,

para a conclusão de obras com apoio governamental, e eis um projeto nunca visto no Vale do Paraíba, possivelmente, o primeiro de muitos.

Cabe destacar que devido a questões relacionadas ao clima, como a ocorrência de chuvas, foi necessário realizar algumas pausas no andamento da obra. Porém, passado esse período chuvoso, chegou o momento de acabamento, que foi feito com revestimento de massa corrida, própria para áreas externas, para que haja uma durabilidade maior, não isentando a necessidade de, periodicamente, efetuar alguns reparos.

Enquanto todas as casas recebiam o branqueamento da massa corrida, que dava um toque macio às paredes, as primeiras casas foram pintadas para a finalização da parte exterior, faltando apenas a restauração das portas de madeira. Assim, destacamos a seguir, um registro desse processo de pintura.

Figura 15 – Pintura das fachadas



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.

Por outro modo, em paralelo, uma obra grandiosa impactou e também fez mudança na visibilidade das casas, que foi a pavimentação de toda a avenida principal da cidade. Nas fotos, podemos ver os contrastes do moderno com o contemporâneo. É uma via que pode viabilizar o transporte da cidade, mas também quebra a proposta original, de permanecer a parte da estrada como estava, tendo em vista não haver um tráfego de transportes de grande porte como acontece em outras rodovias brasileiras.

Uma estudante de História, dentro da obra, pode soar um pouco estranho, pois não temos estudos na academia e embasamento técnico para tanto, mas temos a sensibilidade de pesquisador. Parece que, em nossa mente, sempre tem alguém perguntando ou questionando algo, como: Por que não existe essa possibilidade? Por que revitalizar primeiramente essas casas? Questionamentos que vamos respondendo em nosso interior e compreendendo que

existe uma estrutura não arquitetônica ali também, composta de memórias, momentos, acontecimentos e muita história.

3.2 O cotidiano da obra e seus detalhes

O primeiro passo no processo de revitalização, realizado pelos operários, foi remover as partes danificadas, para a sua reestruturação, sendo pontos que receberam a corrosão do tempo e mostravam seus tijolos maciços. Os funcionários removeram a parte afetada e aplicaram uma camada de chapisco, para, posteriormente, reconstituí-la.

No segundo momento da obra, foram feitas intervenções das casas próximas à entrada da fazenda, descendo em direção ao centro da cidade. Nesse período, que durou em média três meses de sua execução, foram reconstituídas as eiras e tribeiras, refeitos os ornamentos das janelas e fachadas, como também uma limpeza em seus ornamentos, para que, posteriormente, recebesse seu acabamento de massa corrida.

Recordo-me da tensão nas visitas à obra. Durante todo o processo de pesquisa, precisei trabalhar em casa, como analista, em uma empresa de tecnologia, para custear meus gastos. Mesmo assim, sempre aproveitava os horários de almoço e intervalos para visitar o local, registrar minhas fotos e ficar, pelo menos, 20 minutos, olhando para os conjuntos de casarios, tentando identificar os sentimentos, compartilhamento e propostas a serem apresentadas no plano diretor do turismo do município.

Minhas visitas “ocultas” poderiam simbolizar minha falta de participação no projeto, porém essa é apenas uma evidência no quanto precisamos valorizar os investimentos na pesquisa, vivenciar e até tirar o horário de almoço, para analisar as evoluções das casas, o que representa meu comprometimento e lealdade, para entregar um projeto que simbolizasse minha dedicação à pesquisa.

Candau (2011, p. 110) menciona que “[...] é preciso, portanto, selecionar, escolher, esquecer, e essa seleção é muitas vezes dolorosa”, expressando, em seu texto, o quanto é doloroso e pertinente a insegurança sobre escrever nossas memórias. O medo de me tornar seletiva é pertinente na escrita deste relatório. Meu dever como historiadora é poder compartilhar as experiências adquiridas durante esse período, e essa preocupação com minhas memórias são importantes para este relatório, sabendo que as vivências deste processo de revitalização serão levadas comigo e passadas por tantas gerações, vislumbrando que o simples fato da tentativa de esquecer os dias difíceis culmina na ocultação da importância da valorização dos envolvidos perante a história.

Levo comigo memórias de felicitações, aventura e possibilidade. Quando me recordo é como se a memória me fizesse sentir que estou me jogando em um precipício, com o objetivo de chegar ao outro lado da montanha, mas o silêncio também compartilha o que tento esquecer; a memória possui várias facetas e precisamos compreender que algumas precisam ser analisadas com cautela e em seu momento oportuno. Compartilho, aqui, os momentos que vivenciei e evidencio que hoje as vivências ruins são dolorosas a serem compartilhadas. Assim, pretendo dar ênfase no êxito e nos benefícios que este projeto proporcionou, para mais de 13 mil habitantes da cidade de Mogeiro.

Ao início de 2022, as casas recebem a penúltima etapa da obra: a aplicação da massa corrida, própria para área exterior, garantindo um melhor impermeabilizante e duração da obra para a cidade. Esse foi um processo demorado, no qual todas as casas receberam o revestimento, para, posteriormente, serem pintadas. A empolgação dos cidadãos foi nítida. Assim que algumas casas foram pintadas, o cartão postal da cidade estava inaugurado, servindo de um ambiente agradável, para tirar fotos, registrando, assim, momentos/memórias dos cidadãos mogeirenses.

Diante do processo de finalização das pinturas das casas, um sentimento de repulsa me fez anular minha condição de pesquisadora voluntária: enquanto o “teatro” e as calçadas estavam em processo de revitalização pela prefeitura, questionei o quanto poderia ter feito mais, ter me dedicado mais; me senti grata ao participar e, ao mesmo tempo, triste em não poder ter sido mais assídua, proativa e exclusiva. Demorou muito tempo para que eu pudesse compreender que não temos domínio sobre certas áreas de nossa vida. Precisamos levar conosco os sentimentos bons e nossas boas escolhas. A ausência dela não nos faz menos historiadores ou incapacitados a ocupar o lugar de idealizadores. Meses após a inauguração, compreendi que tanto eu quanto os demais envolvidos no processo de revitalização têm sua importância neste processo e merecem o reconhecimento, pela contribuição com a história e cultura da cidade.

3.3 A partir dos “Cenários do interior”: a revitalização do Teatro e suas calçadas

A prefeitura, junto à diretoria de cultura, levantaram recursos próprios, para a revitalização do teatro de Mogeiro de Baixo. Porém, para que não seja levantado um falso

histórico¹², é pertinente ressaltar a posição sociopolítica que esse ambiente teve sobre sua criação.

O teatro está localizado entre os casarios revitalizados pelo projeto. Ele foi criado para exposição e leilão de bois da fazenda. Portanto, em seu interior, mais precisamente no palco, há uma porta do lado direito e uma outra do esquerdo, onde os animais entravam e saíam do ambiente de leilão. Dentro do processo de revitalização, devido ao desgaste do tempo, uma das passagens foi fechada, descaracterizando o prédio original. Para embasar o Falso histórico, podemos destacar o axioma apresentado por Cesare Brandi: "A restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo" (BRANDI, 2008, p. 33).

Brandi defende que o objeto restaurado não volte no momento da criação, mas, sim, que continue carregando as marcas do tempo, respeitando a temporalidade e a sua conformação original (BRANDI, 2008, p. 33 apud SANTOS *et al.*, 2018).

O termo teatro foi se popularizando e criando raízes, por ser um ambiente que compõe lustres luxuosos e, também, por ser um ambiente de prestígio, diferentemente dos já conhecidos pelos moradores da cidade, mesmo antes da revitalização.

Ao mencionar o nome teatro, levantamos a hipótese de que este ambiente era de serventia para todos, porém, é importante levar a discurso sua origem, para não construirmos uma história pautada pelo esquecimento de suas origens. Após a sua inauguração, é obtido em seu título teatro, mas a sua origem precisa ser ressaltada, pois esse lugar era de encontro de coronéis, fazendeiros e funcionários, representando o início das atividades de venda do município e da criação de animais da região, tendo em vista que Itabaiana, Mogeiro e Pilar abraçavam um número significativo de criação de animais e existência de fazendas.

O projeto "Cenários do interior" recebeu o incentivo da Prefeitura Municipal de Mogeiro, para revitalizar o piso, este feito de tijolos maciços, com tamanho e largura não fabricados nos dias de hoje, correspondendo às técnicas e aos tamanhos do seu tempo. No processo, foi inviável a produção da réplica dos tijolos, por ser necessário refazer a moldura e produzir os tijolos do zero. A produção apenas poderia ser entregue cinco meses após a inauguração. Por isso, a secretaria de infraestrutura e a diretoria de cultura decidiram optar por colocar o tijolo maciço, produzido nos dias de hoje, o qual não possui os mesmos

¹² Fazer parecer antigo o que não é, atribuindo um valor não pertencido a este.

tamanhos, mas predomina uma semelhança com o modelo original. Na figura, a seguir, há, à esquerda, há um tijolo de fabricação atual; à direita, um tijolo da década de 90.

Figura 16 – Comparação entre os tijolos



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

É importante ressaltar que os tijolos cravados no centro histórico de Mogéiro foram produzidos pela olaria da cidade, que se localiza próximo à entrada do Sítio Mangueira, à direita da cidade, fortalecendo a economia local e compartilhando as possibilidades e capacidades de ofício que o município nos proporciona. A olaria Barro Vinte tem sua funcionalidade ativa nos dias atuais. O lugar de origem e a possibilidade de revitalização com o piso original recebeu o apoio de Luiz, intermediador e peça-chave nessa fase de desenvolvimento da obra, com suas articulações políticas, bem como a sua influência na cidade, mostrando a necessidade e importância de prevalecer o piso semelhante ao original.

CAPÍTULO IV – UMA TRANSFORMAÇÃO HISTÓRICA E ECONÔMICA PARA A CIDADE

Com 98% do projeto concluído, não poderíamos entregar as casas sem uma direção do que fazer com elas. Por isso, diante da possibilidade da entrega dos casarios, nos dias da inauguração do teatro José Silveira, e na entrega do projeto, todo o corpo da mesa diretora e componentes do instituto apresentaram palestras, oficinas, além do seminário de educação patrimonial – momento enriquecedor, que possibilitou uma discussão sobre temas, como: linguagem, ambiente, lugar de memória e turismos.

Nesse sentido, tive a possibilidade de apresentar e fortalecer as iniciativas que o município pode oferecer diante do cenário turístico que temos hoje. Para a comunidade, preparei duas oficinas, “Os Tesouros que promovem o futuro da economia criativa” e “Como potencializar as vendas: meu serviço no online”. Trazendo para os ouvintes a posição estratégica do município para o turismo e os benefícios econômicos.

Nesse evento, houve debates sobre a importância de permanência do espaço ativo, a origem e as perspectivas que o lugar de memória proporcionou e proporciona para os dias de hoje e o que podemos fazer junto a tecnologias para impulsionar o turismo urbano e o turismo de aventura do município. O público presente foi composto por alunos das escolas municipais e estaduais, além de moradores da cidade, que compartilharam a experiência rica em acolher as possibilidades turísticas do município. Esse foi um dia memorável para mim e para tantos que, ao escutar a partilha das oficinas, se lembravam de suas memórias e das memórias emprestadas de seus familiares dentro da história do município, bem como a existência do povoado em torno da capela do oratório da cidade, próximo ao conjunto de casarios, que os caixeiros viajantes usavam como estadia em sua passagem pelo município, rememorando o primeiro fluxo de pessoas na cidade, como também o início de atividades comerciais, firmando a pertinência da posição geográfica favorável para o turismo no Vale do Paraíba.

No último dia do evento, apresentamos, aos professores do município de Mogeiro, o primeiro seminário de educação patrimonial, composto pela mesa diretora do instituto, tendo como convidados José Neto e o mogeirense Henrique, estudante de relações internacionais na Polônia. Nesse momento, abordamos aspectos da educação, memória e identidade, do ponto de vista do projeto; da história do instituto, como também as possibilidades que o espaço pode oferecer aos professores e para a gestão em construção, abrangendo tecnologia e a possibilidade de implementação de economia criativa.

A economia criativa possibilita que a cidade utilize de seus valores locais para construir uma economia proveniente do turismo, arte e cultura local, fazendo com que novas oportunidades, para os cidadãos, se concretizem, tendo em vista a precariedade nos investimentos do setor trabalhista e cultural na cidade. É dessa forma que podemos construir um lugar de cultura e valores, para uma possibilidade de enxergar o nosso município com o mesmo empenho de uma economia criativa, como: Salvador-BA, Olinda-PE, Areia-PB. Cada um desses centros históricos possui sua relevância cultural, nivelada pelo olhar do historiador, e produzem, a partir da história, cultura e raízes, locais de uma econômica rotativa dentro da cidade.

Existe a possibilidade de restaurar as plantas baixas das casas da fazenda. Porém, se tornaria muito complexo, requerendo um investimento de tempo e dinheiro, para revitalizar as paredes de mais de 3 metros de altura. Isso não faz com que descartemos a possibilidade de procurar investimentos para propor um projeto de tal dimensão. Entre minhas percepções do que poderia se formar cada casa, vejo como uma sala de exposição de artes, pelo seu ambiente amplo, possibilitando a exposição artística de teatro de bonecos, roupas de quadrilha, roupas de cangaceiros, como também as paisagens mogueirenses, sejam elas em fotos ou quadros.

A casa dois, por suas características minimalistas, vejo sua potencialidade como um espaço que pudesse oferecer aos moradores e turistas uma sorveteria e doceria, aproveitando as janelas como vitrine; além de seu espaço interno retrô e, na frente, cadeiras e mesas de metal, pintadas em branco. Seria um ótimo local para encontros de amizades e memórias coletivas.

A casa quatro, já revitalizada, se tornaria um lugar próprio para o Teatro José Silveira. Porém, é de suma importância transparecer aos moradores e turistas que o teatro é um espaço que já proporcionou um leilão de gado para a grande elite local.

A casa cinco poderia se tornar um espaço para um setor administrativo de apoio aos turistas e à comunidade, sendo um espaço que poderia disponibilizar salas de diretoria de cultura, instituto e pesquisa local, como também a biblioteca municipal e seus periódicos. Para finalizar, para o centro cultural, poderiam aproveitar os cômodos; para as casas seis e sete, seus utensílios que ainda estão em seu interior, dando a possibilidade em apresentar como se preserva a casa dos antigos moradores da fazenda.

A união das duas entidades, Prefeitura Municipal de Mogueiro e instituto, foi crucial para desenvolver o monumento. Foi um fator-chave, andarmos juntos, em busca de um objetivo, a saber: Revitalizar a memória coletiva ou revitalizar os casarios, o que teve ressonâncias na memória coletiva do município.

Seguindo seu eixo e importância social, a cidade, no que diz respeito à conclusão deste projeto, recebe a rememoração de um lugar de memória, que representa o Vale do Paraíba. Para além de ser um ponto de referência em obras de revitalização, reintegra as memórias de seus munícipes e sua identidade, ao fornecer a primeira parada de uma rota de turismo para a cidade, possibilitando um turismo local como foco e finalizando com o turismo de aventura.

No que se refere à finalização do projeto, podemos ver o quanto o ambiente trouxe uma utilidade para o espaço. Embora esse espaço interno não seja aberto, os turistas visitam o lugar, tiram fotos ou, até mesmo, se sentam para conversar, criando novas memórias daquele ambiente.

Ao compartilhar, em minhas redes sociais, o resultado do projeto, recebo mensagens de colegas e seguidores que partilharam comigo suas memórias daquele local. Riany, em mensagem, frisou que *“fico muito feliz em ver estas casas, me lembro quando meu avô tinha a padaria e eu ficava ai na frente da calçada brincando”*. Memórias que contemplam várias gerações, como também escreve, em suas linhas, a história coletiva dos jovens que visitam tal lugar nos dias de hoje. Esta obra centenária carrega consigo memórias coletivas, ricas e culturais, que precisamos elucidar da melhor forma possível.

Para que a cidade possa usufruir dessa transformação econômica, é indispensável a iniciativa de articular a cultura local, seguindo a econômica criativa, fazendo com que, dessa forma, a cidade possa usar suas festividades, pontos turístico, sua cultura material e imaterial, para gerar uma economia local para o município. Dessa maneira, vamos visualizar algumas fotos do resultado final do projeto e apresentar algumas propostas de intervenção, para iniciar as atividades de economia criativa, fortalecendo a cultura local.

Figura 17 – Início dos casarios reformados



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Figura 18 – Registro das casas revitalizadas e, em azul, o teatro



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Figura 19 – Registro das últimas casas e o pôr do sol de fim de tarde



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Figura 20 – Registro da placa com os nomes dos membros, dos idealizadores do projeto e seus apoiadores



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Ao visualizar as fotos da obra, podemos ver o quanto a entrada da cidade é destacada no fim de tarde. Além disso, podem acrescentar a esse espaço bancos e mesas nas calçadas,

para aproveitar o ambiente e conversa com os amigos. É importante que as atividades, quando possível, tenham uma dinâmica completa de atrativos, bem como museus, casa do artesanato, exposição de arte e livraria local, compartilhando a história da cidade e dos casarios, como também possibilitar um museu de arte viva, para interligar o digital com a cultura local.

Estamos diante de uma possibilidade enorme em abrir leques para novos projetos e também fornecer a continuidade da transformação da cidade, pela economia criativa. É de suma importância que possamos tomar a iniciativa, junto aos responsáveis, para preservar e transformar as possibilidades culturais e turísticas de Mogeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais, contemplo um misto de prazer e alegria. Ao finalizar a entrega das casas, me vi com um sentimento de implosão. Foi um dos raros momentos em que me desloquei de tudo, para viver as pessoas festejando e contemplando nossa partilha e experiência. Ao ver meu nome na placa de realização da revitalização, me trouxe um misto de sentimento de orgulho, de quem me tornei e venho me tornando.

Apesar de às vezes me sentir como uma impostora, por não ter feito mais, a circunstância que me cercava, de tremenda tensão, justifica as limitações que enfrentei. Eu me cobro a sair da zona de conforto, mas, estando fora dela, quero sempre me dar ao máximo, para concluir e fazer tudo com excelência.

Por meses, me senti uma impostora, mas quando me dei conta desse sentimento, interiorizei minhas memórias, enquanto pesquisadora, que me fez lembrar o quanto os seis anos de estudante foram difíceis para mim; sem eles, meu nome não estaria naquela placa. Nesse sentido, nossos esforços precisam ser mensurados por tudo o que fazemos na vida.

Com um relato de experiência, tenho um ponto de vista crítico: será mais fácil achar meus erros que os meus acertos. Hoje, me considero uma curiosa e astuta pesquisadora. Relatar esta experiência me faz quebrar os sistemas e paradigmas sobre onde poderia chegar. Hoje, nem eu acredito que pude estar por dentro do projeto, contribuindo e analisando, mas sei que este relato poderá fazer com que a sociedade e eu possamos enxergar a grandiosidade do projeto.

Sei que este será um ponto de partida, para pesquisas futuras, e é com muita satisfação que deixo o projeto “Cenários do Interior”, sendo finalizado a serviço da sociedade e entidades. Que este centro histórico possa trazer aos mogeirenses um ambiente que proporcione orgulho, memórias e reflexões sobre toda a fachada edificada. Abro portas, através deste relato, para inúmeras possibilidades de pesquisa e criação de oportunidades, mediante a economia criativa. Meus desejos de pesquisa giram em torno de mapear as casas da cidade, a exemplo de Carlos Lemos, em seu livro *Casas Paulistas*, como também retratar as fazendas paraibanas, fazendo um levantamento das plantas baixas e ampliando mais a pesquisa local.

Meses após a entrega do projeto, atitudes que culminaram na preservação e posição de privilégio da cultura local foram nítidas, tomando como princípio o evento de entrega do projeto, que contou com políticos e estudiosos do Vale do Paraíba, como também a fala pontual do prefeito da cidade, que se comprometeu a trazer mais recursos e investimentos

para a cultura local. Após a entrega, foram realizados eventos, como a festa do trabalhador, culminância da Lei emergencial Aldir Blanc 2 e o reconhecimento dos artistas locais e artesãos.

Em Julho de 2022, Mogeiro recebeu a portaria para desmembração da pasta de cultura vinculada à educação, tornando-se uma secretaria individual, possibilitando um espaço para viabilização de verbas iniciativas e funcionários para suas ações.

Desse modo, ao introduzir Mogeiro em um cenário mundial, houve a possibilidade de um grupo de jovens, da página Geografia da Paraíba, com investimento da lei Aldir Blanc 2, escolhesse Mogeiro como a segunda cidade a realizar a sua expedição e documentário completo sobre a história da cidade, no qual pude participar e dar minha contribuição como historiadora local.

Este é um resultado do que foi possível executar e elaborar. Mesmo assim, me sinto grata pelo apoio de todos que fizeram com que este projeto chegasse à conclusão, com êxito e excelência. Os mogeirenses desfrutaram de um objeto de pesquisa que saiu dos sonhos do instituto e se tornou realidade.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

LEMOS, Carlos A. C. **Casas Paulistas**: histórias das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo Café. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

SANTOS, Ana Clara Ribeiro de Andrade *et al.* TEORIA DA RESTAURAÇÃO: Cesare brandi – norteando as intervenções em falso histórico e falso artístico. **Colloquium Socialis**, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 734-740, 1 dez. 2018. Associação Prudentina de Educação e Cultura (APEC) . Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2018/suplementos/area/Socialis/Arquitetura%20e%20Urbanismo/TEORIA%20DA%20RESTAURA%C3%87%C3%83O%20CESARE%20BRANDI%20%20NORTEANDO%20AS%20INTERVEN%C3%87%C3%95ES%20SEM%20FALSO%20HIST%C3%93RICO%20E%20FALSO%20ART%C3%8DSTICO.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ANEXOS

RECONHECIMENTO DO LAUDO

RESPONSÁVEL TÉCNICO	Gabriel Willy Farias Matias
BEM IMÓVEL	Conjunto de Imóveis Residenciais e de Serviço
DATA DO LAUDO	15/12/2020
LOCALIZAÇÃO	AV. Firmino Florentino, Fazenda São João, Mogeiro, Paraíba
FOTÓGRAFOS	Samira Foschini, Gabriel Willy, Vitória Gondim, José Paulo e Renally
Há obras de restauração em andamento? sim () não (X)	
Há projeto aprovado por Lei de Incentivo à Cultura? sim () não (x)	

AVALIAÇÃO GERAL DOS IMÓVEIS

ESTADO DE CONSERVAÇÃO				
	Bom	Regular	Ruim, necessitando intervenção	DANOS VERIFICADOS
ESTRUTURA	20%	30%	50%	A estrutura é inteiramente em adobe, ou seja, tijolos de barro, e encontra-se, aparentemente, em estado regular de conservação. Não se faz necessário reforma nesta, por hora.
COBERTURA		20%	80%	O telhado apresenta telhas quebradas e/ou deslocadas, que vem provocando infiltrações no interior da edificação. Nas fachadas, algumas linhas parecem estar soltas, o que provoca escorrimento de água e

				manchas nas paredes. O coroamento apresenta sujidades decorrentes de falta de manutenção periódica. O estuque, que constitui os ornatos, apresenta pontos de início de descolamento e rachaduras.
ALVENARIAS		60%	40%	Alguns interiores de fachadas apresentam rachaduras isoladas e desprendimento de algumas partes da sua constituição. Além disso, a pintura está danificada. Apesar de apresentarem bom estado, as alvenarias serão averiguadas e as devidas correções nos elementos artísticos serão executados pela obra.
REVESTIMENTO			100%	Em muitos locais, o reboco começa a sofrer processo de descolamento por excesso de umidade, proveniente do telhado. A pintura está desgastada em vários pontos, devido à desocupação do imóvel,

				falta de manutenção periódica e infiltrações. Os elementos artísticos apresentam manchas na pintura. O revestimento será inteiramente refeito pelo projeto de restauração em andamento.
VÃOS E VEDAÇÕES			100%	Serão substituídas as janelas que não têm capacidade de reforma e recompostas as vedações em madeira com partes faltantes.
PISOS		50%	50%	O piso, em parte cimentado, e outras, em tijolos, apresentam trincas e a vegetação começa a brotar entre essas trincas. A cerâmica se encontra bastante suja e desgastada. A obra de restauro prevê a substituição das peças em mau estado e a limpeza completa do piso. As juntas serão refeitas. E onde não existe o piso, será feita a colocação de piso novo, correspondente ao original.
CALÇADAS			100%	Em estado natural,

				como solo à mostra e, em pequena parte, existe o revestimento em tijolos de barro. Necessita de novo revestimento em tijolinhos de barro na cor original.
ELEMENTOS INTEGRADOS EXTERNOS ARTÍSTICOS		50%	50%	Todos os elementos decorativos estão presentes ainda nas fachadas, necessitando de restituição e recuperação.
AGENCIAMENTO EXTERNO	30%	70%		O calçamento em paralelepípedo se encontra em bom estado de conservação, não necessitando de intervenção.
INSTALAÇÕES		40%	60%	A instalação elétrica, proveniente da rua e que alimenta o edifício, está exposta na fachada, prejudicando sua integridade estética. Internamente, está em estado regular de conservação.

¹ Todos os matérias de apresentação foram produzidos pelo técnico em edificações Gabriel Willy. Em anexo podemos ver o levantamento das casa bem como a ficha técnica dos envolvidos na produção do material.